



Entrevista Revista Horse's Life

André G. Cintra, MV, Prof. Esp.

Autor dos livros "Alimentação equina: nutrição, saúde e bem-estar" e "O cavalo: características, manejo e alimentação" e coautor do livro "Manual de gerenciamento equestre: textos, tabelas e planilhas".

Contato: agcintra@gmail.com.

Site www.andrecintra.vet.br

Instagram: [@andregcintra](https://www.instagram.com/andregcintra).

YouTube: [André G. Cintra](https://www.youtube.com/AndréG.Cintra)

1. Por favor, conte aos nossos leitores sobre sua formação profissional e seu envolvimento com cavalos, bem como a sua atuação profissional relacionada ao segmento do equibusiness no Brasil.

ANDRÉ CINTRA

Sou Médico Veterinário formado pela USP, com especialização em Gestão de Empresas e Marketing e MBA em Gestão de Empresas e Negócios.

Iniciei minhas 'atividades equestres' trabalhando com a criação de cavalos de meu pai, no final da década de 70, com a criação de cavalos Quarto-de-Milha. Mas nessa época, o QM não tinha o destaque e as facilidades que possui nos dias de hoje, então saímos da raça em 1982. Já a partir de 1981, iniciamos a criação de cavalos Mangalarga, pois vários tios e primos estavam na raça, que apresentava ascensão à época, estimulando assim nossa criação, onde ficamos até o início dos anos 90, quando a crise equestre que afetou todas as raças desestimulou meu pai a permanecer na criação.

Pessoalmente, iniciei minha pequena criação em 1996, com cavalos bretões, raça a qual me dedico até hoje, tendo sido presidente da ABCC Bretão por duas gestões e vice-presidente nas duas últimas gestões (inclusive a atual). Entretanto, minha preferência é pelo cavalo, independente da raça, tanto que tenho, além dos bretões, uma égua BH, uma Árabe e um cavalo Mangalarga Marchador, presente de um cliente e amigo.

Profissionalmente, após o período acadêmico, trabalhei em dois haras, um de quarto de milha e appaloosa e outro de puro sangue árabe. Depois cliniquei por 05 anos na região de Jaguariúna, onde tive um hotel para cavalos.

Em 1997 entrei para a indústria de alimentação animal em uma empresa multinacional, onde permaneci por 05 anos, sendo responsável por toda a linha de equinos no Brasil.

Em 2002, buscando novos desafios profissionais, abri uma empresa de consultoria, área que exerço atividades atualmente, prestando serviços a diversas empresas do setor equestre, para colegas veterinários que desejam um atendimento diferenciado na área de nutrição e manejo, e para criadores e proprietários de equinos de todo o Brasil.

Há 07 anos sou professor na Faculdade de Jaguariúna, do curso de Medicina Veterinária, sendo responsável pelas disciplinas de Etologia e Bem-estar Animal, Produção de Equinos e Nutrição Animal. Por 04 anos ministrei as disciplinas de Gestão do Agronegócio e Alimentação Animal.

Ministro ainda palestra por todo o Brasil em universidades e eventos equestres, além de escrever artigos para diversos sites e revistas do setor. Em fevereiro deste ano lancei um livro bastante completo sobre equinos: "O Cavalo: Características, Manejo e Alimentação".

Diretamente no setor de 'equibusiness' contribuímos para o levantamento do agronegócio de cavalo no Brasil, excelente trabalho realizado por professores do CEPEA da Esalq – USP, cujo contato pessoal foi o Prof. Roberto Arruda de Souza Lima, a pedido da CNA e do MAPA.

2. Como tem visto a evolução da “indústria brasileira do cavalo” ao longo das últimas duas décadas?

ANDRÉ CINTRA

Vivi intensamente esse mercado nos últimos 30 anos, sentindo de perto seus altos e baixos.

O 'boom' do cavalo se iniciou na década de 70 e se estendeu até o início dos 90. Nessa época havia muitos grandes criadores com mais de 150 éguas em criação. Nossa criação de Quarto de Milha começou com 15 éguas. No Mangalarga, que era 'pequena' para os padrões, tínhamos mais de 30 éguas em reprodução, chegando a 70 animais. Era comum vermos criatórios com mais de 300 ou 400 animais, algo raro hoje em dia. Com a crise dos anos 90, a imensa maioria desses criadores de cavalo viu seu patrimônio equestre desaparecer da noite para o dia, ocorrendo uma avalanche de ofertas de cavalos que antes eram valorizados e passaram a nada valer. Desta forma, ocorreu uma drástica alteração do cenário equestre, do meu ponto de vista benéfica como pode se observar hoje, pois tornou o cavalo acessível para muita gente. Até aquela época, tínhamos muitos cavalos na mão de muitos poucos, hoje observa-se poucos cavalos nas mãos de muita gente.

Grandes criatórios hoje baseiam-se na qualidade e não apenas na quantidade.

Essa mudança, além de 'popularizar' o cavalo, trouxe novas perspectivas de negócios que ampliou imensamente o alcance dessa grande indústria que gira em torno do cavalo. Abriu novos consumidores que buscam uma função para o animal, não apenas de reprodução, mas sim de uso do cavalo, quer seja em cavalgadas de final de semana, de dias, como provas equestres em mais de 30 modalidades diferentes. A indústria que antes era restrita a algumas marcas de ração, quase nada de suplemento, poucas empresas e variedade de medicamentos e de acessórios, hoje gera um movimento superior a 7 bilhões de reais (dados de 6 anos atrás, e que certamente já aumentou), com grandes opções em todos os setores.

3. Dentro da área de nutrição e cavalos, como tem sido a evolução ao longo deste tempo?

ANDRÉ CINTRA

A área de nutrição passou por uma evolução muito grande, assim como a área da fisiologia do exercício. E isso não apenas no Brasil, mas no mundo todo.

Um dos esportes que mais exigem do cavalo é o enduro equestre, que se popularizou no Brasil na década de 90. Àquela época as pessoas entendiam que o enduro nada mais era que um passeio com controle de tempo e premiação no final, e poucos treinavam e alimentavam seus animais de forma adequada no Brasil. Isso gerou um índice de acidentes, muitos fatais, em quase todas as provas de nível mais elevado, o que levou os veterinários e competidores a buscarem alternativas. Essas vieram em pesquisas, aqui e na busca do que se fazia no exterior, nas áreas de nutrição e treinamento, o que beneficiou muito o cavalo de todas as modalidades.

As indústrias enxergaram essa oportunidade comercial e começaram a investir muito na área técnica, com a contratação de profissionais qualificados para darem o suporte necessário e adequado aos colegas de campo e aos proprietários e competidores. Desta forma, surgiram inúmeras empresas para atenderem a essa crescente demanda por melhor qualidade nutricional.



O problema é que muitas são oportunistas, não tendo real qualidade nem trazendo real benefício para o animal. Para se ter uma ideia, nos anos 90 tínhamos 03 empresas de suplementos no Brasil, hoje são mais de 60. Isso na verdade gera um problema para o cavalo, pois os proprietários são muitas vezes induzidos a adquirir determinado produto para melhorar a performance do animal, mas isso nem sempre acontece, quer seja pela baixa qualidade do produto, ou simplesmente porque o que se promete não é possível de se conseguir. Cabe aqui ao proprietário, competidor ou criador buscar a informação com um profissional qualificado e idôneo que poderá lhe dizer a real necessidade do animal e se aquele produto trará benefícios à performance esportiva ou criação.

4. Cada região brasileira, ou diversas culturas equestres, tem “mitos” ou “problemas” característicos na nutrição equina (ex. napier picado, uso de rolão, mistura de aveia com ração balanceada...). Na sua percepção, estes problemas têm diminuído, ou o nível de informação dos criadores e proprietários de cavalos tem melhorado? Há alguma prática deste tipo que considere especialmente prejudicial?

ANDRÉ CINTRA

Acredito que os problemas diminuíram, mas ainda ocorrem com mais frequência que deveriam. Com o acesso à internet, a informação está disponível de forma muito fácil e rápida, mas tem que ser filtrada, pois qualquer um pode postar o que quiser, mesmo que seja errado. Aí cabe ao interessado em buscar informações adicionais sobre o autor do texto. Se não tiver autoria, fique desconfiado da veracidade absoluta das informações.

Algumas práticas muito prejudiciais começam com a questão: ‘preciso de ajuda para fazer tal coisa com meu cavalo, mas não tenho recursos’. Isso é muito grave, pois não é barato manter um cavalo. Adquirir um cavalo é parte mais fácil, o problema é mantê-lo com saúde. E saúde começa pela boca, isto é, com o que e como se alimenta um cavalo. Muitos falam que não tem tempo, outros não tem local adequado, outros não tem dinheiro mesmo. Então fazem de qualquer jeito. O problema é que quem paga a conta é o cavalo, e muitas vezes com a própria vida.

Com relação ao napier, sou um dos defensores de seu uso. Claro que, com isso, não quero dizer que é o melhor capim para o cavalo, mas sim que pode ser utilizado, desde que se saiba como.

Em primeiro lugar deve-se atentar para o ponto de corte, nem muito velho, pois pode dar cólica, nem muito novo, pois pode dar diarreia. O ideal é que seja oferecido inteiro, ou no máximo picado em grandes pedaços, e nunca triturado, pois um dos intuitos do volumoso é estimular a mastigação. Além disso, se é alimento, deve ser tratado como tal, não devendo ser aquele napier, ou qualquer capim elefante, cortado de beira de estrada, mas sim proveniente de uma capineira devidamente planejada e adubada para servir de alimento.

Uma grande diferença de se utilizar o napier ou qualquer capim elefante para o cavalo, mesmo que do jeito correto, é que seu nível nutricional é inferior ao do coast-cross ou tifton, sendo necessário uma melhor complementação com concentrado, em qualidade e eventualmente em quantidade. Isto é, quanto melhor a forrageira, menor a quantidade de concentrado a ser ofertado ao animal, e quanto pior a forrageira, melhor a qualidade e maior a quantidade de concentrado.

Quando falamos em rações concentradas o negócio é mais complicado, pois todo mundo quer reduzir os custos e batem sempre na ração. Se fizermos as contas realmente do jeito certo, a ração é um dos menores custos que envolvem o cavalo, e muitas vezes a economia é de alguns poucos reais, e essa economia pode trazer mais prejuízo a longo prazo que uma alimentação mais bem equilibrada e de acordo com as necessidades do cavalo. Misturas caseiras raramente possuem equilíbrio nutricional. Adicionar matéria primas (aveia, milho, trigo, etc.) em uma ração balanceada,



pode desequilibrar os nutrientes trazendo problemas graves de saúde para o animal. Isso pode ser feito desde que por um profissional competente, que entenda do que faz e saiba avaliar as consequências.

Observe que essas considerações não valem apenas para cavalos de alta performance, mas também para cavalos de passeio apenas, pois uma boa alimentação não serve apenas para atletas, mas dar qualidade de vida e longevidade ao animal.

As pessoas devem entender que só existe um jeito de cuidar do cavalo: o jeito certo. Claro que o jeito certo tem variações permitidas, pelo cavalo, e não pela condição financeira do homem.

Por outro lado, o outro extremo também é muito prejudicial. Isto é, aqueles que não possuem problemas financeiros e acham que oferecer de tudo é o melhor para o animal. Um dos grandes problemas que vejo na rotina diária são os excessos nutricionais, que podem ser tão ou mais prejudiciais que as deficiências. E o problema se agrava ainda mais por serem de difícil detecção pelo clínico veterinário, pois os efeitos dos excessos nutricionais são cumulativos, podendo demorar até 02 anos para se manifestarem clinicamente. Então em uma anamnese, levanta-se que o animal não tem a alimentação alterada há dois anos, e o veterinário clínico é induzido a descartar essa possibilidade como causa do problema. E possivelmente a causa esteja exatamente nessa não alteração da dieta por dois anos. Isso pode ocorrer por excessos de energia, proteína, minerais e mesmo por algumas vitaminas. E observe que o problema não é do clínico veterinário, cuja especialidade é a clínica, onde já se deve conhecer profundamente todos os sistemas do cavalo (locomotor, cardio-respiratório, digestivo, etc.), ficando a nutrição, em geral pela sua complexidade, de fora de suas especialidades.

Além disso, essas 'enfermidades nutricionais' têm sido observadas com mais frequência nos últimos anos por erros, muitas vezes grosseiros, no manejo nutricional dos animais, onde acha-se que se um é bom, dois é duas vezes melhor. Em nutrição, se 'um' é a necessidade do animal, isso é que deve ser ofertado. Costumo dizer que em nutrição 'mais com mais dá menos', pois quando mais se ofertar ao animal, mais acesso a nutrientes ele tiver, menor é o resultado na performance dele.

5. No Brasil, o índice de cólicas, inclusive fatais, continua sendo muito alto, chegando a surpreender profissionais vindos do exterior. Quais as causas para isto, e o que pode ser feito para mudar esta situação? (Se puder, fale dos quadros característicos de cada época, ex., impactação no inverno, fermentação no verão.)

ANDRÉ CINTRA

Acredito que 95% dos casos de cólicas, para não dizer mais, são decorrentes de erros no manejo diário do animal, quer seja diretamente ligados à nutrição, quer seja na rotina diária do animal. Sendo assim, se tivermos um problema de cólicas recorrentes em uma propriedade, basta acertarmos o manejo para praticamente eliminar os casos de cólicas. E não entendo por que isso não é feito com mais frequência no Brasil.

Um dos principais erros que se comete está em culpar a ração concentrada por quadros de cólicas. Afirmo, com plena convicção, que a ração em si, oriunda de empresa idônea, não causa cólica em cavalos. O mau uso da ração causa cólica: ração em excesso, ração com muita proteína, ração com muita energia, ração mofada, ração contaminada, etc. Observe que estas citações são todas de mau uso da ração, pois o cavalo come apenas o tipo e a quantidade de ração que ofertamos a ele (questão de manejo), assim como ração estragada ou contaminada (problemas no manejo de armazenamento). A importância de se entender este conceito é que, popularmente,

culpa-se a ração pelos casos de cólicas e não se preocupam com acertar o manejo, e então não se eliminará as chances de novas cólicas. Em mais de 30 anos de criação, quer seja à época de meu pai, atualmente minha, e quando fui proprietário de hospedagem para cavalos, tive 07 casos de cólicas. E sei a causa de todos eles, impedindo assim que se repetissem.

Entre as causas de manejo errôneo que podem levar a quadros de cólicas estão, além do mau uso da ração, o excesso de confinamento, o estresse, excessos no fornecimento de alguns nutrientes, como proteína e energia, o isolamento pleno do cavalo, que causa mais estresse, o mau uso de forrageiras, como agora no inverno quando se tem disponível feno ou capineira com excesso de fibras e fibras de má qualidade, etc., a falta de água, o consumo de água muito fria, o uso prolongado de alguns medicamentos, como antibióticos, etc.

Poucas pessoas levam em consideração a qualidade do volumoso ao se fornecer ao animal. Se o capim for muito velho, causa cólica por excesso de fibras grosseiras. Quando o capim é oriundo de uma capineira, e para facilitar a vida do funcionário muitas vezes corta-se duas ou três vezes por semana, se for capim velho, ele seca muito mais aumentando as chances de cólicas; se for muito novo, ele fermenta com facilidade podendo também causar cólicas. Se for volumoso de feno, e esse feno for cortado muito velho, significa muita fibra, chance de cólica; se for cortado no momento certo, mas deixado secar demais, fibra de baixa digestibilidade, chance de cólica; se deixar secar de menos, fica com muita umidade pode ocorrer proliferação de fungos, chance de cólicas.

Para se prevenir cólicas deve-se respeitar as necessidades básicas do cavalo, como companhia, liberdade (ao menos duas horas por dia) e de forrageira de qualidade e em quantidade mínima de 1% de seu peso vivo.

6. Nos países temperados, há diferenças importantes em relação à produção de forrageiras e grãos, e também aos teores nutricionais destas plantas (sazonalidade, características de solo, etc). Por isso, na sua opinião há limitação na valia e nas informações de materiais estrangeiros (ex. diretrizes internacionais para fabricação de rações, livros traduzidos sobre nutrição de equinos)? Como os profissionais brasileiros devem lidar com esta realidade?

ANDRÉ CINTRA

Esta é uma questão complexa. Basicamente, no mundo utilizam-se dois padrões de níveis nutricionais: O NRC (*National Research Council*), dos EUA, utilizado mais frequentemente nas Américas, e do INRA (*Institut National du Recherche Agricole*), da França, utilizada em quase toda Europa. Ambos são institutos de pesquisas que agregam, além de suas próprias, as de outros pesquisadores que obtém índices nutricionais e são tabulados, tabelados e disponibilizados em literatura apropriada. Entre esses dois órgãos existem diferenças significativas nos níveis nutricionais. Tenho observado e pensado muito sobre isso e cheguei à conclusão que o motivo principal dessas diferenças é a função que os países dão ao cavalo. Enquanto os esportes americanos priorizam o resultado imediato, sem preocupação com o futuro e a qualidade de vida do animal, os esportes europeus buscam uma melhor formação do cavalo a longo prazo, de forma que ele possa competir por toda a vida. Por exemplo, os principais esportes americanos vão dos 2 aos 4 anos, enquanto na Europa eles se iniciam aos 4 ou 5 anos, buscando o auge aos 8 a 12 anos, sendo facilmente observado casos de animais com mais de 20 anos competindo com saúde.

O que tenho observado é que, mesmo utilizando os níveis do INRA, minha preferência, nos animais de esporte de resultado imediato, a performance dos animais é muito boa.



Em teoria, deve haver diferenças entre os níveis dos países de clima temperado e o Brasil, porém na prática, como não temos ainda pesquisas amplas que possam nos ajudar a saber se há mesmo ou não essas diferenças, utilizo o sistema europeu para atendimento das necessidades do animal.

Mas aqui entra outro detalhe extremamente importante. Qualquer que seja o padrão utilizado, INRA ou NRC, eles nada mais são que diretrizes científicas que funcionam sobre condições determinadas. São fundamentais para a base da nutrição, para nos dar o norte a ser seguido, mas existem diferenças e variações individuais que devem ser observadas e, se necessário, reavaliada a dieta do animal conforme a atividade e, muitas vezes, essas dietas devem ser acertadas para que o animal possa ter suas necessidades atendidas. E isso não tem a ver apenas com a diferença de clima, pois a literatura francesa cita que, apesar dos valores mensurados serem de origem de pesquisas, diferenças individuais como raça, temperamento, digestibilidade individual, clima, manejo e estado físico do animal devem ser levados em consideração para a recomendação final dos alimentos corretos para cada indivíduo. E essa dieta deve ser revista conforme a época do ano, pois se muda o volumoso, em qualidade e quantidade, o equilíbrio nutricional é conseguido com a suplementação adequada do concentrado e dos nutracêuticos, se necessário.

Com relação à literatura, isso é mais complexo, pois a base é não apenas os alimentos desses países, mas também o manejo deles, com inverno rigoroso, etc. Baseado nisso é que tive o estímulo de escrever meu livro, baseado na realidade brasileira. Com números do INRA e NRC, mas buscando atender as necessidades específicas de manejo do Brasil.

7. Talvez o mito mais persistente na alimentação de equinos seja a importância da proteína para cavalos atletas. Por que isto acontece? Na realidade brasileira (solo, gramínea...) qual o teor “ideal” de proteína digestível total na dieta, e também no concentrado? (ração comercial com x % de proteína). Qual a participação da alfafa nesta situação?

ANDRÉ CINTRA

Só essa questão é um capítulo a parte. Há um conceito, não apenas no Brasil, mas em grande parte do mundo, de que alimento bom tem que ter teor elevado de proteína. Isso é um dos grandes mitos que norteiam a alimentação equina e que pode trazer graves prejuízos ao animal. E não apenas do cavalo atleta, mas sim de todo e qualquer cavalo.

A nutrição adequada de um cavalo, desde potro em crescimento, passando por éguas e garanhões em reprodução, até o cavalo atleta, deve buscar atender à demanda nutricional de cada categoria, sem deficiências nem excessos.

Quando se oferece mais do que o animal necessita, ultrapassando o limite seguro de determinado nutriente (e isso vale não apenas para a proteína, mas também para energia, minerais e algumas vitaminas) ocorrem sérios problemas que comprometem o desempenho do animal. Alguns dos problemas podem ser cólica, laminite, degeneração cardíaca, hepática e renal, má recuperação após esforço, doenças ortopédicas desenvolvimentares em potros, baixa produção de espermatozoides em garanhões, etc. Lembrando que esses excessos são acumulativos, isto é, podem demorar meses e até mesmo mais de ano para aparecer.

A quantidade de proteína é variável conforme a atividade. Para se saber qual é essa quantidade basta buscar na literatura especializada as tabelas e/ou fórmulas que nos dão esse valor. Sempre é baseado no peso do animal, em algumas categorias na idade e ganho médio diário (como potros em crescimento) e em outras na produção leiteira (éguas em lactação), então não se pode dizer o valor absoluto de quanto é essa quantidade sem ter os dados específicos. O mais

correto é falarmos em proteína total ingerida por dia. Sendo assim, os valores da proteína do volumoso e do concentrado são inversamente proporcionais, isto é, quanto maior o valor da proteína do volumoso, menor deve ser a do concentrado, e vice-versa. Por exemplo, onde meus animais ficam o volumoso possui qualidade mediana, sendo composto por capim napier maduro (este mais inferior) e feno de tifton (este de qualidade muito boa, em geral). Sendo assim, e como ofereço apenas 02 kg de ração por dia a alguns animais, trabalho com uma ração com 16% de proteína. Mas observe que, apesar disso, o nível global da dieta de meus animais é baixo, pois a quantidade total de proteína ofertada pela ração é de apenas 320 g diários. Se eu oferecesse uma ração com 12 % de proteína, mas 03 kg diário, estaria ofertando 360 g por dia, mais que a dieta anterior. Em suma, para se saber o produto certo, deve-se levar em consideração as especificações do animal, do volumoso, da ração e fazer conta. Muita conta. Nutrição é baseada em aspectos científicos e matemática. Não dá para fugir disso sem comprometer o aspecto técnico da atividade.

No caso da alfafa, é mais complexo. Há muito tempo, uns 12 ou 13 anos atrás, para chamar a atenção para os excessos cometidos, eu chegava a dizer que considerava alfafa um veneno para cavalo. Consegui o objetivo de chamar a atenção; mas exageros à parte, ela até pode ser utilizada, como complementar a uma dieta, pois ela possui características que são interessantes. Há algum tempo fui atender a dois animais de alto nível de desempenho esportivo, com uma dieta desequilibrada, onde o volumoso, devido à época do ano, estava sofrível. O equilíbrio nutricional foi conseguido administrando 1,0 kg de feno de alfafa para um animal e 1,5 kg para outro. Mas para isso, levei em consideração os diversos aspectos específicos dos animais, desde peso, atividade, manejo, tipo e níveis da ração disponível, e qualidade e disponibilidade do volumoso disponível além da alfafa.

Mas observe que jamais a alfafa, sob qualquer forma, fresca, feno ou em cubos, deve ser a fonte única de volumoso, pois aí sim ela trará problemas de excesso de proteína, pois ela sozinha já possui níveis de proteína que, na maioria das vezes, ultrapassam o nível de segurança de toxicidade da proteína. Além disso, ela é rica demais em cálcio, e isso também pode ser prejudicial ao animal, pois enrijece demais os ossos, favorecendo as fraturas, além de diminuir a absorção do magnésio, responsável pela regulação do sistema neurológico e pelo relaxamento muscular.

8. Como tem percebido a atuação dos fabricantes de ração? Os produtos desenvolvidos e fornecidos no Brasil estão de acordo com o conhecimento state-of-the-art na nutrição de equinos?

ANDRÉ CINTRA

A atuação das fábricas idôneas é bastante positiva. Existem aqui dois aspectos: o técnico e o comercial. Do ponto de vista técnico, cinco ou seis produtos atenderiam plenamente as necessidades do rebanho equino. Mas do ponto de vista comercial, e aqui é o ponto de vista do consumidor, este exige um monte de coisas da indústria que as obriga a investir mais e mais no aspecto sensorial que no técnico.

Exige-se rações coloridas, sendo que não é a cor o maior atrativo do cavalo para se alimentar.

Exige-se rações com um monte de partículas extrusadas, peletizadas, aveia por fora, pelet de alfafa, etc. que o cavalo não tem o mínimo interesse específico nisso.

Exige-se cada vez mais um monte de 'perfumarias' algumas nem sempre realmente comprovadas, mas que o consumidor adora, para se adicionar na ração, e o cavalo nem sempre tem essa necessidade.



Isso não seria problema se não aumentasse os custos de uma ração. Ao cavalo, basta um alimento específico e equilibrado que atende sua demanda. Ao se adicionar esse monte de diferenciais no produto básico, gera um custo, e esse custo é repassado ao consumidor que paga mais, nem sempre pelo que o cavalo precisa, mas sim pelo que ele acha bonito.

Atente que, claro que existem inovações e diferenciais que podem trazer um real benefício ao animal, mas garanto que a imensa maioria é para o dono, e não para o cavalo.

Mas o mesmo não ocorre com os suplementos, complementos ou nutracêuticos. Nomes diferentes para a mesma coisa na prática. Essa indústria é a que mais cresce, com cada vez mais empresas com produtos duvidosos, que não trazem nenhum benefício comprovado ao cavalo, mas que os donos de cavalo adoram oferecer. Alguns pouco são excelentes e de real necessidade do animal, mas a maioria deve ser muito bem avaliada para saber a real qualidade do produto e a real necessidade do animal.

9. Fale sobre o livro que escreveu e publicou recentemente. Como tem sido a recepção do mesmo, e quais seus planos para o mesmo (edições futuras)? Tem novas obras já em produção?

ANDRÉ CINTRA

Essa é a realização de um sonho. Começou há muito anos, mas nunca imaginei que chegaria a ser um livro de fato. No início eram apenas artigos soltos. Depois virou a ideia, nunca efetivamente concretizada, de um manual de manejo e nutrição. Para se tornar um livro, valeu muito o incentivo de muitos alunos e amigos do meio equestre que, quando me solicitavam indicação de literatura, eu ficava meio sem ter o que recomendar, pois toda ela tinha mais de 25 anos, ou então eram traduções, raramente condizentes com nossa realidade, e nenhuma delas era completa em termos de abrangência. Muito ainda pode e deve ser acrescentado ao que fiz.

O conteúdo é dividido em duas partes: a parte um fala sobre o cavalo em si, abrange desde aspectos básicos do comportamento equino, como ele se comunica com o mundo e conosco, e como podemos tirar o melhor possível desse conhecimento para estreitar as relações com eles, passando por exterior, pelagem dentição, resenha, genética básica, raças do Brasil. A segunda parte é mais específica e voltada para a Alimentação, englobando os aspectos nutricionais, matemáticos com tabelas e fórmulas baseadas no INRA e no NRC, e também os aspectos de manejo de cada categoria animal. Começa com o manejo básico do equino, passa por tipos de instalações e por cada categoria animal, como manutenção, éguas em reprodução, garanhões, potros em crescimento, cavalos de trabalho e animais idosos. Tem alguns anexos onde explico como fazer para avaliar um produto nutricional, como fazer o cálculo de uma dieta, algumas dicas de como gerenciar o haras como uma empresa e alguns aspectos sanitários importantes para se manter a saúde do animal.

É um livro ricamente ilustrado, com mais de 740 fotos e imagens coloridas. E aqui agradeço a alguns fotógrafos profissionais que me cederam suas fotos como Paula da Silva, Ney Messi e Ana Clarck, à minha filha quase profissional Camilla Cintra, e outras tantas fotos de autoria de minha esposa, Susana e coletânea pessoal de mais de 30 anos. A ideia principal do livro é que o leitor enxergue exatamente aquilo que estou explicando, e não apenas imagine o que seria determinada situação.

O livro está sendo muito bem aceito pelo público em geral e pelas instituições de ensino, pois está sendo recomendado e adotado por diversas universidades como a Federal de Belo

Horizonte (UFMG), Federal de Viçosa (UFV), Federal de Santa Maria (UFMS, em dois campus diferentes com cursos na área), Federal do Paraná (UFPR), Federal de Alagoas (UFAL), Federal de Pernambuco (UFPE), entre outras.

Está disponível nas melhores livrarias do país, pela internet, pelo site da Editora Roca ou mesmo diretamente comigo.

Quanto a edições futuras, espero que essa aceitação do público se justifique e estimule a editora a uma nova edição.

Já tenho outro livro, um manual prático onde sou coautor com o amigo, hipólogo e autor principal Sérgio Lima Beck, intitulado “Manual de Gerenciamento Equestre – Textos, Tabelas e Planilhas”, onde, em 42 tópicos, fizemos um pequeno texto acompanhado de planilhas e tabelas para auxiliar no controle de um centro equestre, um haras, ou uma pequena criação de cavalos. As tabelas são auxiliares para controle de farmácia, atendimento veterinário, nutrição, doma, treinamento, pastagem, nascimento, etc. Já está pronto e deverá estar disponível para o público muito em breve.

Um terceiro projeto está em mente, mas este é para os próximos 03 anos. Quando chegar a hora falamos mais dele.

10. Há alguma observação ou comentário adicionais que gostaria de fazer?

ANDRÉ CINTRA

Gostaria de deixar aqui a principal dica de como criar e cuidar de um cavalo: “Procure conhecer o cavalo como ele é, como foi sua evolução nos últimos 65.000.000 de anos e sua domesticação pelo homem. O cavalo é o que é, apesar do homem. Este dificilmente irá mudar sua natureza, de ser gregário, necessitar de liberdade e de volumoso como alimento principal. Se fizer isso, muitos benefícios seu animal terá, com mais saúde física e mental, com menos problemas para ele e mais alegria para você”